

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 3, Número 2, Jul.-Dez. 2014

NARRATIVA E ESCATOLOGIA



NARRATIVE AND ESCHATOLOGY

Valdemar Valente Junior
Universidade Castelo Branco / Faculdade Paraíso,
Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 13/11/2014 • APROVADO EM 17/02/2015

Abstract

This text aims to detect aspects of the violence as a significant element of the Brazilian contemporary narrative. The culture of violence that in the contemporaneity mimics the collapse between the human beings is the metaphor of that novel that resorts to a slaughterhouse as an expression of that precarious level of acquaintanceship. The relationship between men and cattle synthesizes an avoidable situation involving a society that becomes itself problematic in its model. This way, the death has the purpose of detection of an inequality world where the injustice presents its cruelest face. *De gados e homens* suggests a perspective without return, emphasizing the crime and the barbarism as an unbearable condition.

Resumo

Este texto tem por objetivo detectar aspectos da violência como elemento significativo da narrativa brasileira contemporânea. A cultura da violência que na contemporaneidade mimetiza o colapso entre os seres humanos é a metáfora desse romance que recorre a um matadouro como expressão desse nível precário de convivência. A relação entre homens e animais sintetiza situações incontornáveis envolvendo uma sociedade que se torna problemática em seu modelo. Assim, a morte tem como propósito a detecção de um mundo desigual onde a injustiça apresenta sua face mais cruel. *De gados e homens* sugere uma perspectiva sem retorno, enfatizando o crime e a barbárie com condição insuportável.

Entradas para indexação

KEYWORDS: NARRATIVE. CONTEMPORANEITY. VIOLENCE. DEATH. ESCHATOLOGY.

PALAVRAS-CHAVE: NARRATIVA. CONTEMPORANEIDADE. VIOLÊNCIA. MORTE. ESCATOLOGIA.

Texto integral

A experiência de Ana Paula Maia, a partir da publicação de *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, assume a dimensão de uma dicção que lhe confere propriedade sobre a matéria narrativa, tendo em vista a apropriação de elementos da linguagem que a destacam em elevado índice de originalidade. O drama cotidiano é tematizado como prolongamento de sua produção, chegando ao clímax na sucessão de absurdos que agrupa homens e animais em um mesmo plano de trágica convivência. Assim, *De gados e homens* enfoca o trabalho sujo de se abater as rezes que alimentam a voracidade humana como metáfora do consumo que reduz tudo a destroços embutidos como carne para hambúrguer. A faina de um abatedouro condena o homem ao trabalho insano de todos os dias, na lida com o sangue e a morte, ao ruminar mágoas acumuladas. Aí uma legião dos magarefes assume a infâmia em sua inteireza, em um labor destituído de nobreza.

A lida entre vísceras e carcaças expõe a brutalidade como expressão limitada à atrocidade do gado abatido a golpes de marreta. Do mesmo modo, Edgar Wilson mata Zeca, atirando seu corpo à correnteza do Rio das Moscas, que segue seu curso de sangue em direção ao mar. *De gados e homens* potencializa a condição inexorável da morte, na medida em que todos são como gado de corte, expostos aos mesmos riscos e apuros, condenados ao abate diário. A vida resume-se à lida com a morte como alimento do cotidiano, estendendo-se às relações de um mundo sem compaixão. Os crimes contra a vida humana coadunam-se ao clima sanguinário e violento do gado sacrificado. O perigo de existir, ao lado da iminência da morte, é a permanente, persistindo em emitir seus sinais. Marretas e facas amoladas instrumentalizam a condição dos magarefes como algozes de gados e homens.

Carcaças de bois e de automóveis convivem, em meio às ruínas que induzem à celebração da morte como ritual inalienável, na situação de permanente indiferença que dela advém. Helmuth destrói a casa e seus utensílios ao descobrir a

traição de Jaqueline, e vai embora, passando a desmontar motores e, em seguida, a abater bois. O cheiro de sangue e excrementos ajuda a configurar o cenário de desolação que compõe a sequência narrativa. Raspas de sujeira apodrecida confirmam a relação dos homens com a escatologia que faz de *De gados e homens* um exemplo da inquietação que caracteriza a narrativa brasileira contemporânea. Assim, o desprezo por expressões do sublime corresponde à opção deliberada pelo abjeto como retrato sem retoques do que se confirma como estética do precário. A isso corresponde hodiernamente a forma definida de uma narrativa que assume a significação de diferentes expressões da violência.

O rio pútrido é o retrato da desolação que retifica a destruição da natureza. No entanto, não há desespero diante do quadro que se apresenta. Uma galeria de personagens embrutecidos assume sentido comum. O abatedouro de gado estende-se à banalidade do assassinato de pessoas, a partir do momento em que Edgar Wilson, inquerido por Seu Milo, dono do matadouro, assume ter matado Zeca, justificando-se no fato de que o morto não prestava, como os outros que matara, e obtendo a cumplicidade do patrão, que lhe retribui a lealdade. Afinal, Zeca era mais um ruminante, já que Seu Milo iguala homens e gados por laços de sangue e morte.

A barbárie sugere a presença de Bronco Gil como elemento de significação máxima. Por sua vez, a vida para Edgar Wilson o faz incorporar o temor do gado no corredor da morte. Do mesmo modo a cremação do gado contaminado e o aborto de bezerros prematuros estão entre as formas que caracterizam *De gados e homens* como imagem de extremo pessimismo. A transgressão de hábitos e a agressão física são temas recorrentes que configuram a opção deliberada pelo submundo habitado por seres animalizados. O gado contaminado é devorado por uma legião de famintos que habita os arredores do matadouro, abutres que sobrevivem na miséria extrema. Seres humanos e cães famintos disputam pedaços de carne contaminada, enfrentando-se em luta desigual.

Onças e javalis também são ameaças a bois e vacas no Vale dos Ruminantes, quando Bronco Gil perde seu olho de vidro ao proteger o rebanho e Santiago pensa abater renas na neve da Finlândia. O descompasso que configura e agrava o embrutecimento humano encontra referência de peso, a partir da dessa visão sobre as formas mais injustas de capitalismo predatório. A sociedade embrutecida reflete-se na concepção de um matadouro onde o gado triturado ao limite da cadeia de produção resulta na compactação indefinida de enlatados e embutidos, dos quais não se tem ideia do que são. Os homens envolvidos nesse processo, do mesmo modo, são mercadorias com o prazo de validade vencido. A ideia de um mundo marcado pela insânia potencializa os desvios de uma sociedade materialista, apegada à sede insana do lucro.

A morte ronda o pasto, quando Santiago, após ter ingerido cogumelos alucinógenos, corre vestido de rena entre o rebanho, sendo atingido pela flecha disparada por Bronco Gil. Em seguida, Burunga morre eletrocutado por uma enguia elétrica colocada por Santiago no tonel onde costumava mergulhar a cabeça em aposta com os colegas. Assim, o instinto da morte predomina em um cenário que pode ser ampliado, assumindo a dimensão pragmática de um mundo em que gados e homens são abatidos. No entanto, as imposições do trabalho no matadouro

prosseguem, dando vazão às encomendas, que não podem esperar. As ovelhas ajoelham-se e choram diante da morte, mas a produção que vai do boi no pasto ao bife na mesa não tem com parar sob qualquer hipótese. Ao deixar o alojamento, com a morte de Burunga, Santiago entrega a Edgar Wilson uma sacola com enlatados de rena e um cartão-postal da neve na Finlândia.

No Vale dos Ruminantes as vacas atiram-se do despenhadeiro, procurando o caminho da morte, ao fugirem dos seus algozes. A retroescavadeira recolhe montanhas de carne sem vida, evitando a chegada dos urubus, que confirmam o espectro da destruição como marca desse lugar. A carne é esquartejada e recolhida pelos esfomeados, que atribuem a um milagre o suicídio das vacas, restando aos cães e aos ratos apenas as vísceras ensanguentadas. O tema da morte coletiva de um rebanho bovino traz para o plano narrativo a possibilidade de sua comparação a aspectos da vida humana, na medida em que a ficção de Ana Paula Maia preza pela exploração de elementos que agudizam a deterioração dos valores. Por força da violência que se impõe, os animais abatidos no matadouro do Seu Milo, bem como os algozes envolvidos nessa matança diária, são expressões do clima de desumanidade que a narrativa se propõe a explicitar.

Referências

MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013, 127 pp.

Para citar este artigo

VALENTE JUNIOR, Valdemar. Narrativa e Escatologia. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 2., p. 131-134, jul.-dez. 2014.

O Autor

Valdemar Valente Junior é Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ, e possui Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ. Autor de *Dispersa sequência: ensaios de literatura brasileira*. Também é palestrante e autor de artigos sobre literatura e cultura brasileira.